

Diogo Alencar da Silva

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO e a comunidade de Qumran

A prova de fogo da Bíblia Sagrada



OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E A COMUNIDADE DE QUMRAN

A prova de fogo da Bíblia Sagrada

Diogo Alencar da Silva [\[1\]](#)

1ª edição

E-book (2020)

ISBN: 9781526021373

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra à minha esposa e aos meus filhos que me inspiram nessa jornada de buscar e transmitir conhecimento aos nossos queridos leitores. O Senhor vos abençoe e vos guarde; O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós, e tenha misericórdia de vós;

"Pois a palavra do Senhor é verdadeira; ele é fiel em tudo o que faz." (Salmos 33:4 NVI)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Lista de abreviaturas e siglas](#)

[1 Introdução](#)

[2 A comunidade de Qumran](#)

[2.1 Identificação](#)

[2.2 Origem e fim da comunidade](#)

[2.3 Hábitos e costumes](#)

[2.4 Crenças](#)

[3 Os Mamunscritos do Mar Morto](#)

[3.1 O que são os Mamunscritos do Mar Morto](#)

[3.2 A descoberta](#)

[3.3 Autenticidade e antiguidade](#)

[3.4 Os Mamunscritos do Mar Morto e a Bíblia](#)

[Conclusão](#)

[Bibliografia](#)

PREFÁCIO

Na década de 40, o achado acidental de manuscritos bíblicos com mais de dois mil anos de idade, em uma época que o mundo estava sob intensas tensões e debates para decidir o futuro da nação de Israel, fez o mundo parar para contemplar esse achado. Esses manuscritos iriam fazer com que muitos céticos e críticos da Bíblia reconhecessem a fidelidade da transmissão do texto bíblico até os nossos dias. Esses pergaminhos também iriam revelar uma comunidade contemporânea aos tempos de Cristo, denominada “essênios”, mas que permanecia quase que totalmente na obscuridade, não fosse os escritos de três historiadores antigos, que relataram em poucas palavras a vida dessa comunidade. Este trabalho tem como objetivo demonstrar por meio de uma pesquisa bibliográfica como surgiu a comunidade Qumrânica, e quais fatores levou esse grupo a abandonar a civilização e viver em isolamento no deserto, bem como abordar alguns aspectos referentes ao cotidiano e as crenças desse povo, que embora fazendo parte de uma religião com um credo fixo e rigoroso, desenvolveram uma nova forma de interpretar as Escrituras, e uma maneira peculiar de descrever o Messias que se assemelha muito à visão do cristianismo primitivo. Este trabalho também visa descrever a história do descobrimento dos Manuscritos de Qumran, a batalha pela autenticidade e antiguidade dos pergaminhos, e o impacto que causaram no cristianismo moderno.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1QapGen	Rolo do Gênesis apócrifo
1QH	Rolo de hinos de adoração
1QIs ^a	Rolo completo de Isaías
1QIs ^b	Rolo fragmentado de Isaías
1QM	Rolo da guerra dos “Filhos da Luz” contra os “Filhos das trevas
1QpHab	Rolo de comentários sobre Habacuque
1QS	Rolo de regras da comunidade
4Q246	Fragmento de obra apocalíptica em aramaico “O Filho de Deus”
4Q541	Apócrifo de Levi (personagem escatológico)
4Q285	Destruição dos Kittim (parte final de 1QM)
4Q521	Texto sapiencial que mostra a crença na ressurreição

1 INTRODUÇÃO

Em 1947 a descoberta de pergaminhos antigos, entre eles muitos bíblicos, com cerca de dois mil anos de idade, fez a comunidade científica e a imprensa esquecer os eventos recentes que o mundo presenciara. Eram os pergaminhos bíblicos mais antigos até então descobertos.

A Segunda Guerra Mundial há pouco tinha acabado, Israel havia sido declarado pela ONU um Estado independente e, os países árabes contrários à decisão da ONU declaravam guerra contra Israel. No meio desse turbilhão de eventos que caíam sobre Israel, o professor Eleazar Sukenik da Universidade Hebraica de Jerusalém, tão empolgado com a recente aquisição de alguns pergaminhos bíblicos com cerca de dois mil anos de idade, ignorou os bombardeios sofridos por Israel todos os dias entre às três e cinco horas da tarde pela Legião Árabe, e não hesitou em convocar uma entrevista coletiva para anunciar o achado (WILSON, 2009, p.8). Willian Foxwell Albright considerado o decano dos arqueólogos e o pai mundial da arqueologia bíblica, aclamou os pergaminhos do Mar Morto como “a maior descoberta em termos de manuscritos dos tempos modernos” (PRICE, 2006, p. 223).

Até 1947 o manuscrito hebraico mais antigo da Bíblia era o códice Alepo (935 d.C), até então duvidava-se bastante da fidedignidade dos textos bíblicos devido a essa versão ter sido escrita no mínimo mil anos depois dos originais. Mas os pergaminhos do Mar Morto traziam uma versão muito próxima dos autógrafos originais, o que possibilitava a comparação com os manuscritos que possuíamos até então. Essa seria a prova de fogo para as Escrituras Sagradas, ou esses manuscritos a desmentiriam completamente, ou comprovariam a fidedignidade na transmissão dos textos bíblicos pelas mãos dos copistas judeus.

Outras perguntas surgiram juntamente com esse achado, quem havia escrito e depositado os rolos nas cavernas do Mar

Morto? E quem eram as pessoas descritas em alguns pergaminhos e, que se auto intitulavam “Filhos da Luz”? Essas perguntas levariam os arqueólogos Roland de Vaux, e G. Lankester Harding juntamente com sua equipe a escavar as ruínas de Qumran. O que eles descobriram daria uma nova visão a respeito dos tempos de Cristo e, nos possibilitaram compreender melhor o contexto social e religioso da época.

Apesar de os Manuscritos do Mar Morto terem sido encontrados há setenta anos, a comunidade de Qumran continua obscura para os cristãos modernos. Devido a esse ser um tema pouco discutido no âmbito eclesiástico atual, e quase que totalmente desconhecido de muitos cristãos da atualidade, a presente pesquisa visa buscar compreender esse grupo utilizando obras literárias de historiadores e arqueólogos renomados, bem como explicá-lo de forma clara e compreensível a todos aqueles que buscam aumentar seus conhecimentos nessa área.

O presente artigo está dividido em duas sessões. Na primeira sessão abordaremos a comunidade de Qumran, levando em consideração os muitos aspectos que dizem respeito a essa comunidade, no âmbito social, político e religioso. Na segunda parte desse trabalho abordaremos os manuscritos do Mar Morto, seu descobrimento, impacto, autenticidade e datação. Ainda nessa sessão abordaremos especificamente o manuscrito de Isaías, comparando-o com as versões das Bíblias hebraicas mais antigas que haviam até o achado.

A compreensão dessa comunidade monástica bem como a sua herança deixada em forma de escritos em rolos de pergaminho, expandirá nossos conhecimentos a respeito do mundo no qual nosso Senhor Jesus Cristo viveu. E contribuirá grandemente para a compreensão dos textos das Sagradas Escrituras.

2 A COMUNIDADE DE QUMRAN

2.1 IDENTIFICAÇÃO

Desde a descoberta dos manuscritos do Mar Morto em 1947, por pastores beduínos da tribo de Ta'âmireh, que cuidavam dos seus rebanhos de cabras na região de Qumran, na costa ocidental do Mar Morto, uma dúvida pairava sobre a comunidade científica que estava encarregada das escavações arqueológicas nas cavernas onde os manuscritos haviam sido encontrados: Quem havia escrito os manuscritos?

Uma equipe arqueológica liderada pelo padre Roland de Vaux, da École Biblique, e G. Lankester Harding, do Departamento de Antiguidades da atual Jordânia, decidiu então empreender uma escavação sistemática em um sítio próximo das cavernas, conhecido como Khirbet Qumran [\[2\]](#) (cf. figura 1 no final desse capítulo), para estabelecer se havia alguma relação entre as ruínas com os rolos encontrados nas cavernas. Essas ruínas haviam sido ignoradas por milênios, pois se pensava tratar de um pequeno forte romano construído e usado por ocasião da revolta judaica de 70 d.C.

O que os arqueólogos encontraram é surpreendente, as ruínas revelaram que ali era o lar de um povo que vivia isoladamente com as suas crenças, normas e modos peculiares de vida.

Wilson em seu livro “Os manuscritos do mar Morto” relata:

O que eles desenterraram é espantoso: um antiquíssimo edifício de pedra, contendo de vinte a trinta aposentos, treze cisternas e grande parte de seu equipamento intacta. A um lado, entre o edifício e o mar, existe um cemitério com mais de mil túmulos. A construção tem o aspecto de um mosteiro, e uma série de elementos não apenas sugere como prova de maneira praticamente inquestionável que se trata de uma das moradas — se não a sede — do que no passado era conhecido como a seita dos essênios. (WILSON, 2009, p. 13)

Mas até o presente momento o simples fato de o local ter sido habitado por um grupo, até então desconhecido, não provava nada

a respeito da autoria dos manuscritos encontrados nas cavernas adjacentes à comunidade.

Uma análise da cerâmica encontrada no sítio arqueológico demonstrou que as cerâmicas encontradas, tanto nas cavernas como em Qumran possuíam as mesmas características, e que se distinguíam das demais cerâmicas palestinas da época (cf. 2 no final desse capítulo). Como explica Martínez:

Que esta biblioteca pertencia ao grupo humano que tinha seu centro comunitário nas ruínas de Qumran tem sido amplamente provado pelas escavações arqueológicas que mostram a identidade da cerâmica encontrada tanto nas cavernas como nas ruínas e sua exclusividade com relação ao resto da cerâmica palestina da época (MARTÍNEZ, 1993, p. 37, Tradução nossa).

Agora que já se sabia da relação do grupo qumrânico com os manuscritos, restava saber quem era esse grupo. O conteúdo de algumas obras encontradas revelou tratar-se de uma comunidade judaica, porém, sectária que vivia em isolamento do restante da civilização que a cercava. Martínez (1993, p. 37) menciona que o conteúdo destas obras mostrava uma comunidade judaica com uma halaka [3] diferente do restante do judaísmo, adotavam um calendário [4] distinto do calendário em vigor, possuíam elementos teológicos novos, revelavam uma comunidade fortemente estruturada e hierarquicamente organizada, cujos membros tinham consciência de ser diferentes, e de haver-se separado do restante do judaísmo da época.

Martínez (1993, p. 40, Tradução nossa) fornece algumas designações extraídas dos manuscritos que o grupo recebe, como “Yahad” (comunidade), “Edah” (congregação) e, para os membros, “Filhos de Sadoque”, “Filhos da luz”, “Membros da nova aliança”, “Pobres”, “Simples”, “Piedosos”, “Numerosos”, etc.

Porém determinar a identidade do grupo que habitou em Qumran não se constitui uma tarefa fácil, haja vista que a designação que o grupo recebe nos documentos sectários não nos oferece a possibilidade de identificá-lo facilmente.

O método utilizado pela maioria dos pesquisadores é de comparar os grupos dentro do judaísmo, contemporâneo aos habitantes de Qumran, que possuíam as mesmas características. Por isso passaremos a analisar algumas informações extraídas de obras antigas que contribuem muito para a presente pesquisa.

Plínio o Velho, historiador romano, em sua obra “História Natural”, embora de maneira sucinta nos fornece a localização geográfica da seita dos essênios, bem precisamente na região das ruínas de Qumran:

Na margem ocidental do mar Morto os essênios se afastaram o suficiente para evitar seus efeitos nocivos — homens solitários e os mais extraordinários do mundo inteiro, que vivem sem mulheres e renunciaram a todo comércio com Vênus e também sem dinheiro, tendo as palmeiras como única companhia. Renovam-se constantemente com a incessante torrente de refugiados que os procuram em grande número, homens que, cansados da vida, foram levados pelas vicissitudes da sorte a adotar sua maneira de viver. Assim, ao longo de centenas de séculos, por incrível que pareça, um povo se perpetuou sem que em seu meio ninguém nascesse. Utilíssimo para aumentar seu número é o desgosto de outros homens pela vida. Abaixo deles erguia-se outrora a cidade de Engadda [Engadi], que em palmeirais e fertilidade só perdia para Jerusalém, porém hoje não passa de um monte de cinzas como ela. Mais além está Massada, uma fortaleza numa rocha a pequena distância do mar Morto. A Judeia se estende até esse ponto. (PLÍNIO, 1961, p. 277, Tradução nossa)

Flávio Josefo, historiador do século I d.C., em seu livro “História dos Hebreus”, menciona a seita dos essênios como um dos ramos do judaísmo do seu tempo, juntamente com os fariseus e saduceus. Entre essas três Josefo se ocupa mais em descrever a seita dos essênios, na qual ele relata ter feito parte por três anos (cf. JOSEFO, 2004, p. 997). Iremos destacar algumas características descritas por Josefo e comparar com as informações contidas nos manuscritos de Qumran.

Entre as regras da comunidade existiam requisitos que deveriam ser cumpridos por aqueles que desejassem fazer parte do grupo, no manuscrito 1QS [\[5\]](#) contém a seguinte passagem:

Quando tiver completado um ano dentro da comunidade, serão interrogados pelos Numerosos sobre seus assuntos, acerca de seu discernimento e de suas obras com respeito à lei. E se sair o lote de incorporar-se aos fundamentos da comunidade segundo os sacerdotes e a maioria dos homens da aliança, também seus bens e suas posses serão incorporados nas mãos do Inspetor sobre as posses dos Numerosos. [...] Que não toque na bebida dos Numerosos até que complete um segundo ano no meio dos homens da comunidade. E quando se complete esse segundo ano será inspecionado pelas autoridades dos Numerosos. (MARTÍNEZ, 1993, p. 56-57, Tradução nossa)

Josefo relata na seguinte passagem os requisitos que ele mesmo teve de cumprir para entrar para a seita dos essênios:

Eles não recebem imediatamente em sua comunidade os que querem abraçar à sua maneira de viver, mas fazem-nos esperar um ano onde eles têm cada qual uma ração, um cântaro de água, uma veste, de que falamos, e um hábito branco. Dão-lhes em seguida um alimento mais parecido ao deles e permitem-lhes lavar-se na água fria, a fim de se purificar, mas não os deixam comer no refeitório até que tenham, durante dois anos, experimentados os seus costumes, como antes experimentaram a sua continência. (JOSEFO, 2004, p. 1175)

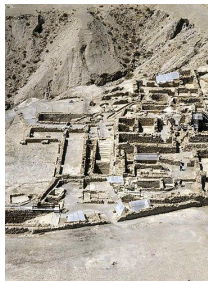
Como podemos observar nestes dois trechos das obras de Josefo e Martínez, a descrição que Josefo faz do ritual de ingresso na seita dos essênios, coincide com o ritual previsto nas regras da comunidade. Outra característica mencionada por Josefo, é que os essênios possuíam todos os bens em comum, o que também coincide com o conteúdo da passagem das regras da comunidade de Qumran citada anteriormente (cf. JOSEFO, 2004, p. 1173).

Martínez (1993, p. 41), afirma ser impossível identificar o grupo Qumrânico com os essênios, levando em consideração que o essenismo era um movimento de grande envergadura, e a comunidade de Qumran era claramente sectária. Josefo (2004, p. 1174), localiza os essênios em todas as cidades da Palestina. Enquanto que Fílon relata que o número deles ultrapassava quatro mil (TRIVIÑO, 1976, Vol V, p. 81).

Porém, esse impasse é facilmente resolvido, se verificarmos que o termo “essênios” se referia a várias seitas e ramos diferentes do primeiro século da Era Cristã (cf. AHARONI; AVI-YONAH; RAINEY; SAFRAI, 1999, p. 167). E até o próprio Josefo reconhece a

existência de pelo menos quatro classes diferentes dentro do grupo essênio, “Os que fazem profissão dessa maneira de viver, estão divididos em quatro classes” (JOSEFO, 2004, p. 1176). O que explica algumas discrepâncias nos relatos de Flávio Josefo, Plínio, o velho e Fílon de Alexandria a respeito do casamento e do uso de armas (cf. TRIVIÑO, 1976, Vol V, p. 81; JOSEFO, 2004, p. 1178; PLÍNIO, 1961, p. 277).

Figura 1 Ruínas de Qumran



Fonte: Sonia Halliday Photo Library [6]

Figura 2
Cerâmica de Qumran



Fonte: Asor [7]

2.2 ORIGEM E FIM DA COMUNIDADE

Após a morte de Judas Macabeu, seu irmão Jônatas assume a liderança dos revoltosos judeus, e usurpa o sumo-sacerdócio por volta de 152 a.C. dando início a uma nova dinastia sacerdotal da linhagem hasmonea. Tal ato teria sido completamente condenado por judeus defensores das tradições antigas. Josefo relata esse episódio:

Jônatas, depois de receber essa carta, revestiu-se de ornamentos de sumo sacerdote, no dia da festa dos Tabernáculos, quatro anos depois da morte de Judas Macabeu, seu irmão. Durante esse tempo, o cargo esteve vago. Ele então reuniu um grande número de pessoas e mandou forjar uma grande quantidade de armas. (JOSEFO, 2004, p. 594)

A origem da comunidade Qumrânica, possivelmente deu-se por essa usurpação e por conflitos entre o “Mestre de Justiça” [8] e o poder político e religioso de Jerusalém, identificado nos

manuscritos como “Sacerdote Ímpio” fazendo alusão ao sacerdócio hasmoneu. Entre os primeiros seguidores do “Mestre de Justiça” estavam sacerdotes próximos aos círculos do poder. Os manuscritos da seita identificam entre as causas da ruptura a questão do calendário e a organização do ciclo festivo judaico e, sobre tudo, a uma forma particular de interpretar as prescrições bíblicas relativas ao templo, ao culto, e a pureza das pessoas e das coisas. Essas teriam sido algumas das causas que levaria o “Mestre de Justiça” e seus seguidores a instalar-se no deserto (MARTÍNEZ, 1993, p. 42).

Através da análise das moedas encontradas nas ruínas, De Vaux chega a seguinte cronologia da habitação de Qumran: 1) A primeira sequência de moedas começa com Antíoco VII em 136 a.C. e passa pelo período hasmoniano até 37 a.C.; 2) A segunda sequência de moedas começa em (4 a.C. - 6 d.C.), e vai até 68 d.C.; 3) A terceira sequência é do tempo da revolta de Bar-Kochba contra os romanos, em 132-135 d.C. (WILSON, 2009, p.19).

A comunidade do Mar Morto se instalou em Qumran, no reinado de João Hircano por volta de 134 a.C. e habitou ali por aproximadamente 200 anos. O fim da sociedade Qumrânica ocorreu por ocasião da revolta judaica (66 – 73 d.C.).

Com o recrudescimento da luta na primavera de 68 d.C. Vespasiano desmembrou sistematicamente a Judéia, subjugando distrito após distrito. [...] Vespasiano entrou então no vale do Jordão pela Peréia, capturou Jericó e marchou para o litoral do mar Morto. Ao que parece, foi nessa época que Mesad Hasidim (Khirbet Cunrã) centro da seita do mar Morto, foi finalmente destruído. (AHARONI; AVI-YONAH; RAINEY; SAFRAI, 1999, p. 189)

Assim deu-se o fim de uma comunidade que apareceu na história de forma repentina, e desapareceu do mesmo modo. Essa comunidade sobreviveu em um deserto de pouquíssimas chuvas, serpentes e escorpiões, por aproximadamente 200 anos. Mas mesmo tendo um curto período de existência, deixou um legado inestimável para o mundo, e que mexe com os ânimos e a imaginação de todos aqueles que se aventuram a mergulhar no riquíssimo tesouro literário do povo de Qumran.

2.3 HÁBITOS E COSTUMES

Khirbet Qumran também chamada Mesad Hasidim, está localizada a aproximadamente 32 quilômetros de Jerusalém, na costa ocidental do Mar Morto, a quase 400 metros abaixo do nível do mar. Não há peixes nas águas do Mar Morto, pois estas possuem uma concentração de 26% de matéria sólida na forma de sais dissolvidos. A temperatura frequentemente atinge os 51,6 graus centígrados (PRICE, 2006, p. 226).

Para sobreviver neste ambiente inóspito, os habitantes construíram um sistema de captação das águas das chuvas que escorriam pelas rochas e escoavam para um Uádi [\[9\]](#) próximo do local. O sistema de aquedutos conduzia as águas a treze cisternas dentro dos limites da comunidade, estas águas deveriam sanar todas as necessidades dos habitantes do local até o próximo período de chuvas. “O padre De Vaux diz que em todos os meses dos três anos que tem trabalhado aqui só duas vezes viu água correndo pelas encostas” (WILSON, 2009, p. 19).

Havia seis grandes cisternas com escadas que conduziam ao seu interior, que armazenavam a água consumida no local. E sete cisternas menores usadas para rituais de purificação. O povo do local praticava o banho ritual pelo menos duas vezes ao dia, como uma forma de purificação, antes das refeições, pois consideravam as refeições sagradas (JOSEFO, 2004, p. 1175).

As refeições eram feitas em um grande salão onde todos participavam, após trocar as suas vestes por outras de linho, e purificar-se em uma das cisternas do local. Com propriedade Josefo descreve o ritual realizado em cada refeição do dia:

Às onze horas, reúnem-se e cobertos com um pano de linho, lavam-se em água fria. Retiram-se em seguida para suas celas, cuja entrada só é permitida aos da seita e, tendo-se purificado desse modo, vão ao refeitório, como a um santo Templo, onde, depois de sentados, em grande silêncio, põe, diante de cada qual, um pão e um pouco de alimento num pequeno prato. Um sacerdote abençoa as iguarias e não se pode tocá-las enquanto

não termina a oração. Oram depois da refeição para terminar como começaram, com louvores a Deus, a fim de testemunhar que somente de sua liberalidade eles recebem tudo o que têm para sua alimentação (JOSEFO, 2004, p. 1175).

Fílon destaca a sua grande ênfase no viver de forma humilde, pois consideravam a riqueza e luxuosidade de alguns, em contraste com a pobreza e miséria de outros, algo reprovável aos olhos de Deus, além disso, consideravam-se riquíssimos, ao passo que, na sua visão a simplicidade e a conformidade equivaliam à abundância (cf. TRIVINO, 1976, Vol. V, p. 81). Possuíam uma forma de governo pautada no comunismo, onde ninguém tinha bens próprios, mas tudo pertencia ao coletivo. Referente a isso escreveu Josefo:

Desprezam as riquezas: todas as coisas são comuns entre eles, com uma igualdade tão admirável que, quando alguém abraça a seita, despoja-se de toda propriedade, para evitar, por esse meio, a vaidade das riquezas, poupar aos outros a vergonha da pobreza e em tão feliz união viver juntos como irmãos (JOSEFO, 2004, p. 1174).

O manuscrito 1QS [\[10\]](#) refere-se a uma pessoa denominada de “Inspetor”, o qual era responsável por incorporar as posses dos novos membros da seita às posses da comunidade, dessa forma os seus bens passavam a pertencer a todos (MARTÍNEZ, 1993, p. 57).

Em relação ao estudo das Escrituras, eram extremamente dedicados, excedendo em muito aos escribas e fariseus. Acerca disso encontra-se nas regras da comunidade (1QS), a seguinte inscrição:

E que não falte no lugar em que se encontram os dez, um homem que interprete a Lei dia e noite, sempre, sobre as obrigações de cada um para com o seu próximo. E os Numerosos velarão juntos um terço de cada noite do ano para ler o Livro, interpretar a norma, e bendizer juntos (MARTÍNEZ, 1993, p. 56, Tradução nossa).

Durante as campanhas de escavações em Qumran, um dos fatos mais notáveis, foi a descoberta de uma sala com três grandes mesas recobertas de gesso e muitos tinteiros, o que indica que ali era onde os pergaminhos encontrados nas cavernas, ou pelo menos alguns deles, foram escritos (MARTÍNEZ, 1993, p. 27).

Os essênios foram um dos primeiros grupos a abolir a escravidão, tanto na teoria como na prática, demonstrando um senso de direitos humanos muito avançado para a sua época. Em sua visão revolucionária, submeter outros seres humanos a escravidão era uma ofensa à natureza, que fez todos os homens iguais. Também criticavam severamente aqueles que possuíam escravos, tendo-os por injustos, haja vista, o seu menosprezo pela lei da igualdade, e anulação das normas da natureza (cf. TRIVINO, 1976, Vol. V, p. 81).

2.4 CRENÇAS

A comunidade de Qumran, com sua vida monástica no deserto e, sendo uma ativa produtora de literatura, desenvolveu um sistema de doutrinas próprio e bastante complexo. Dentre as muitas doutrinas que foram desenvolvidas pela seita de Qumran, vamos destacar apenas algumas de maior relevância para esse estudo.

Um dos pontos desenvolvidos na “halaka” da comunidade é a predestinação. Os saduceus eram completamente incrédulos quanto à vida após a morte, e diziam que o destino do homem dependia unicamente de suas escolhas. Os fariseus por sua vez crêem que o homem contribui juntamente com Deus para o seu destino:

Atribuem ao destino tudo o que acontece, sem, todavia, tirar ao homem o poder de consentir. De sorte que, sendo tudo feito por ordem de Deus, depende, no entanto, da nossa vontade entregarmo-nos à virtude ou ao vício (JOSEFO, 2004, p. 863).

Porém a predestinação era um conceito firmemente estabelecido pela sociedade Qumrânica. Sobre isso Josefo (2004, p. 864), diz “que eles atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus”.

Um dos fatores que levou o grupo a se afastar do templo e da cidade foi seu zelo pela pureza espiritual, pois julgavam que o contato constante com a impiedade praticada nos centros urbanos poderia contaminá-los. Porém o que nos chama a atenção, referente

à purificação espiritual, é a sua visão sobre a circuncisão. Para o judaísmo do primeiro século, a circuncisão era um preceito bastante rígido e inegociável, e também concedia ao israelita certa certeza de salvação, pois era o sinal de pertencer ao povo de Deus.

Mas para a seita de Qumran, a circuncisão só era válida quando esta era refletida no caráter e nas ações do indivíduo. Acerca desse assunto encontramos no manuscrito 1QS a seguinte passagem:

Que ninguém ande na obstinação de seu coração, para extraviar-se seguindo a inclinação do seu coração, de seus olhos, e dos pensamentos. Sem que circuncide na comunidade o prepúcio de sua inclinação e de sua dura cerviz (MARTÍNEZ, 1993, p. 54 Tradução nossa).

Esta visão sobre a circuncisão se assemelha muito a visão do cristianismo primitivo, apresentada por Paulo em sua epístola aos romanos:

Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens (Romanos 2:28,29) [\[11\]](#) .

Um dos achados mais interessantes extraídos da caverna 4 [\[12\]](#) foram quatro manuscritos que nos dão uma visão do entendimento que a seita tinha a respeito do Messias e, que se assemelha muito com a visão do cristianismo.

No manuscrito 4Q246 [\[13\]](#) , encontramos as expressões “Filho de Deus”, e “Filho do Altíssimo” referindo-se ao Messias, como pode ser conferido a seguir:

Será denominado Filho de Deus, e lhe chamarão Filho do Altíssimo [...] Seu reino será um reino eterno, e todos os seus caminhos verdade e direito. A Terra estará na verdade e todos farão a paz. Cessará a espada na Terra, e todas as cidades lhe renderão homenagem. Ele é um Deus grande entre os deuses. (MARTÍNEZ, 1993, p. 186 Tradução nossa)

Para o judaísmo do tempo de Cristo, se declarar “Filho de Deus” era uma blasfêmia digna de morte. No Evangelho de João,

encontramos uma narrativa que nos mostra a reação do povo judeu, quando Cristo declara-se Filho de Deus:

Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus: tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses? Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus? João 10:31-36

Ao analisar a referida passagem do manuscrito 4Q246, pode ser constatado que a divindade do Messias esperado por eles é claramente aceita e defendida, contrariando a visão do judaísmo oficial, e também compatível com o Messias do Novo Testamento.

No manuscrito 4Q541, o Messias é retratado como um sacerdote que expiará os pecados de Israel, e fará seu sol brilhar eternamente dissipando as trevas. Descreve também que sua geração se voltará contra ele proferindo muitas palavras e mentiras (MARTÍNEZ, 1993, p.318).

O manuscrito 4Q285 descreve o Messias como o príncipe da comunidade, o renovo de Davi, um guerreiro que derrotará seus inimigos numa batalha no fim dos tempos, e que fará com que as pessoas desfrutem de um mundo perfeito, livre de doenças e da violência (MARTÍNEZ, 1993, p.174).

Porém o mais extraordinário desses rolos é o manuscrito 4Q521, no qual o Messias é descrito curando os doentes e ressuscitando os mortos. Essa é a primeira referência anterior à Era Cristã que prediz um Messias capaz de ressuscitar mortos. Esses quatro pergaminhos trazem uma visão judaica pré-cristã que está em perfeita harmonia com o conceito cristão de Messias (MARTÍNEZ, 1993, p.409).

Existem ainda muitas outras doutrinas criadas pela comunidade, sobretudo referente aos anjos e ao fim dos tempos, porém, não se torna viável abordarmos todas elas nesse artigo, pois não é o objetivo tornar a leitura extensa e cansativa para o leitor.

3 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

3.1 O QUE SÃO OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Manuscritos do Mar Morto é a designação dada a um grande número de manuscritos de épocas distintas e de diversas características, encontrados nos últimos 40 anos [\[14\]](#) no deserto da Judeia. Entre os manuscritos estão os Papiros de Samaria, os Manuscritos de Qumran, Massada, Murabba'at, Nahal Hever, Wadi Seiyal, Nahal Mishmar, e Khirbet Mird. (MARTÍNEZ, 1993, p. 17)

Apesar de todos esses documentos fazerem parte de uma coleção conhecida como manuscritos do Mar Morto, o objetivo desta pesquisa é abordar especificamente os manuscritos de Qumran.

Os rolos de Qumran compreendem a aproximadamente 1.100 documentos antigos, além de mais de 100 mil fragmentos [\[15\]](#) de manuscritos encontrados em onze cavernas nas proximidades de Qumran, que serviam como uma espécie de biblioteca e também moradia para os membros da comunidade Qumrânica. Estes manuscritos estavam escritos em pergaminho, papiro e um deles em um rolo de cobre puro, e em três idiomas diferentes, hebraico, aramaico e grego. Entre 223 e 233 deles são cópias dos livros vetero-testamentários, poucos livros estão completos como é o caso do livro de Isaías que contém todos os 66 capítulos em um pergaminho de sete metros, a maioria deles é composta por menos de um décimo de material escrito. Possuem um representante para cada livro do Antigo Testamento com exceção de Ester (PRICE, 2006, p. 224).

Segundo Felczak (2017), os manuscritos foram divididos em três categorias:

Bíblicos: Essas obras contidas na Bíblia hebraica. Todos os livros da Bíblia são representados na coleção Rolos do Mar Morto, exceto Ester;

Apócrifos ou pseudoepígrafos: Essas obras, que são omitidas em vários cânones da Bíblia e incluídas em outros;

Sectários: Esses pergaminhos relacionados com a comunidade pietista e incluem ordenanças, comentários bíblicos, visões apocalípticas e obras litúrgicas.

Vale destacar que dentre os manuscritos bíblicos encontrados em Qumran, se encontram com mais frequência os livros de Isaías (cerca de 21 exemplares), Salmos (cerca de 36 exemplares), e Deuteronômio (cerca de 29 exemplares), o que coincide de forma espantosa com os livros vetero-testamentários mais citados nas Escrituras gregas cristãs (FELCZAK, 2017).

3.2 A DESCOBERTA

Em 1947 pastores da tribo beduína de Ta'amireh pastoreavam seus rebanhos de cabras e ovelhas na região entre Belém e o Mar Morto. Um jovem pastor de cabras chamado Muhammed ed-Dib (Maomé, o Lobo), procurava uma de suas cabras que havia se dispersado do rebanho na região de Qumran. Como a região é repleta de penhascos e cavernas antigas, algumas feitas pelo homem outras pela própria natureza, ele a procurava pelas cavernas do local. Em uma das cavernas que possuía uma abertura na parte superior (hoje denominada caverna "1"), pensando que a cabra pudesse estar ali, ele jogou uma pedra para afugentá-la, mas no lugar de uma cabra assustada ele ouviu o som de cerâmica se quebrando. Ele resolveu entrar para ver o que havia quebrado, quando ele chegou ao interior da caverna encontrou jarros de cerâmica com pergaminhos de couro. Não sabendo do que se

tratava, ele juntou sete rolos melhores conservados e levou consigo (PRICE, 2006, p. 229).

Os pastores da sua tribo pensando que aqueles documentos eram antigos, procuraram um negociante de antiguidades de Belém, chamado Kalil Iskander Sain (Kando), que lhes comprou os pergaminhos por cem dólares. Dos sete manuscritos que Kando adquiriu dos beduínos, quatro (1QIs^a, 1QpHab, 1QS e 1QapGen) foram comprados pelo arcebispo ortodoxo sírio Mar Atanásio Samuel. E os três restantes (1QIs^b, 1QH y 1QM) [16], foram comprados pelo professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Eleazar Sukenik, juntamente com dois jarros onde eles foram encontrados. Mais tarde o filho de Sukenik comprou os quatro manuscritos que estavam em posse de Atanásio para a Universidade Hebraica de Jerusalém em 1954, reunindo os sete manuscritos novamente. No mesmo ano foi construído um museu exclusivo para os rolos denominado “O Santuário do Livro” (MARTÍNEZ, 1993, p. 23, Tradução nossa).

O estado de Israel interrogou os beduínos acerca do local onde os rolos foram encontrados, porém, os beduínos não revelaram o local, e com a esperança de lucrarem com a venda dos pergaminhos, começaram a vasculhar todas as cavernas que encontravam pela região. A equipe arqueológica responsável pela escavação, decidiu oferecer aos beduínos 30 piastres por cm² de manuscrito, o que foi um incentivo errado, pois eles rasgavam os manuscritos para obter mais lucro com a sua venda.

3.3 AUTENTICIDADE E ANTIGUIDADE

Os manuscritos de Qumran despertaram um enorme interesse, pelo fato de serem documentos bíblicos ou relacionados com a Bíblia, com base nisso um dos estudiosos pioneiros dos Rolos do Mar Morto Yigael Yadin, escreveu:

[Os Rolos do mar Morto] constituem vínculo vital — há muito perdido, mas hoje recuperado — entre aqueles tempos antigos, tão ricos no pensamento civilizado, e a época atual. E da mesma maneira que o leitor cristão deve ficar emocionado pelo conhecimento de que aqui ele tem um manuscrito de uma seita, sobre a qual os cristãos primitivos podem ter sabido e pela qual foram influenciados, assim o israelita e o judeu não podem achar nada mais profundamente comovente do que o estudo de manuscritos feitos pelo povo da Bíblia, na terra da Bíblia, há mais de dois mil anos (PRICE, 2006, p. 223).

Os manuscritos bíblicos copiados antes da canonização e padronização do texto bíblico e do trabalho dos massoretas permitiria conhecer o processo de formação e fixação do texto das Sagradas Escrituras, ajudaria a controlar ou corrigir os grandes códices medievais que são a base das nossas Bíblias hebraicas. Além do mais, os documentos não bíblicos tornaram possível preencher um vazio de conhecimento sobre a literatura judaica pré-cristã.

Alguns cientistas como S. Zeitlin, afirmavam que os manuscritos não passavam de falsificações feitas pelos da sinagoga dos qaraítas no Cairo, e escondidos nas cavernas pouco antes do seu descobrimento. Mas as escavações arqueológicas das cavernas, sob condições cientificamente controladas, proporcionaram uma resposta definitiva às acusações de falsificação. A análise da cerâmica provava que a mesma pertencia ao século primeiro da era cristã. Mais tarde a datação por rádio carbono 14 confirmou a antiguidade dos pergaminhos. Foi também realizado a retratação progressiva das fibras de pergaminho, o que datou do século I d.C. Posteriormente foi realizado a análise do texto bíblico, com a ajuda da linguística, o que demonstrou que a linguagem usada nos manuscritos era anterior aos achados em Murabba'at e Nahal Hever do séc II d.C, e dos textos massoréticos do século IX d.C. Ainda uma análise paleográfica foi aplicada aos manuscritos, que confirmou os métodos anteriores (MARTÍNEZ, 1993, p. 32).

A análise arqueológica demonstrou sem sombra de dúvidas que os rolos do Mar Morto são autênticos e antigos, copiados entre

o século III a.C. e o século I d.C, e depositados nas cavernas de Qumran antes da sua destruição pelos romanos em 68 d.C.

3.4 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E A BÍBLIA

Após a comprovação da autenticidade e da antiguidade dos manuscritos, os estudiosos se viram diante de outro grande desafio, talvez ainda maior que os primeiros, montar um quebra cabeça de milhares de fragmentos de pergaminhos (cf. Figura 3). A grande maioria dos manuscritos estava fragmentada, alguns pela ação do tempo, outros pela ação dos beduínos em busca de lucro. O trabalho de montagem desse imenso quebra cabeça, foi tão difícil que levou anos para serem publicadas as primeiras edições dos pergaminhos.

Martínez (1993, p. 23, Tradução nossa), relata que “a edição oficial de 1QIs^a e de 1QpHab apareceu em 1950 por conta da ASOR (Escola Americana de Pesquisas Orientais), e em 1951 veio à luz a edição oficial de 1QS”.

O trabalho de montagem dos fragmentos de pergaminhos pode ser conferido na imagem que segue:

Figura 3 Trabalho de montagem dos fragmentos de pergaminhos



Fonte: Slideplayer [\[17\]](#)

A demora na publicação fez com que a crítica sensacionalista se manifestasse, dizendo que haviam muitos achados entre os manuscritos do Mar Morto que estavam sendo deliberadamente ocultados, pois seus conteúdos abalariam os alicerces da fé cristã e

judaica. Porém quando o texto veio à tona provou o contrário do que a crítica sensacionalista afirmava, eles deram maior certeza da confiabilidade do texto bíblico, e ajudaram no entendimento do contexto social da época.

Até a descoberta dos Rolos de Qumran, a versão mais antiga do texto hebraico da Bíblia era o Códice Alepo (935 d.C.), o qual tinha quase mil anos, mas ainda estava mais de 1400 anos distante dos originais (PRICE, 2006, p. 226).

A fidelidade do texto bíblico sempre foi posta em dúvida até então, haja vista, haver um hiato de aproximadamente 1400 anos entre a versão mais antiga que se tinha, e os originais, eram mais de mil anos de cópias feitas com base em outras cópias. Alguns manuscritos bíblicos encontrados em Qumran, como relata Dr. Rodrigo Silva (2017), datam do ano 270 a.C. como é o caso do Rolo de Isaías, cerca de 1200 anos mais antigo do que a cópia mais antiga que se tinha, chegando muito próximo aos autógrafos originais.

É certo que a mensagem bíblica sofreu modificações por ocasião da transcrição do texto, feita pelos copistas judeus, mas a pergunta que se faz é: O seu conteúdo foi alterado de maneira substancial?

Hoje em dia a Bíblia pode ser considerada o livro mais bem pesquisado em termos de crítica textual [\[18\]](#). Só do Novo Testamento existem cerca de 5300 cópias antigas, 8000 da Vulgata Latina e 9300 versões primitivas como o cópta e o siríaco. O Dr. Gleason Z. Archer professor de línguas semíticas no Trinity College, diz que os textos de Qumran provaram ser palavra por palavra 95% idênticos ao texto hebraico que seguimos hoje. Os 5% de variações consistem de escorregadelas óbvias da pena do copista ou de alterações de letras (SILVA, 2017).

A seguir temos uma comparação entre o manuscrito de Isaías de Qumran e o Códex Leningrado B19a, datado de 1008 d.C., apresentada pelo Dr. Rodrigo Silva. As diferenças encontradas podem ser conferidas a seguir:

Falta do waw conjuntivo	13
Artigo (adição/omissão)	4
Diferenças em consoantes	10
Letras faltantes	5
Diferenças em números	14
Diferenças em pronomes	6
Diferenças em formas gramaticais	24
Diferenças em proposições	9
Diferentes palavras	11
Omissão de palavras	5
Adição de palavras	6
Diferença de sequências	4

Passaremos a analisar algumas dessas diferenças encontradas. Na passagem de Isaías 6:3 o Códex Leningrado (CL) apresenta o seguinte texto: “Santo, Santo, Santo”, na mesma passagem em 1QIs^a aparece: “Santo, Santo”, aqui ocorreu um acréscimo da palavra “Santo”. Exemplos de omissão de palavras podem ser verificados na passagem de Is 37:25, onde o CL cita apenas “águas” enquanto que o 1QIs^a apresenta a expressão “águas estranhas”. E também em Is 53:11 onde o CL omite a palavra “luz” citando apenas “ele verá”, onde é encontrado em 1QIs^a “ele verá a luz”. Na passagem de Is 12:4 temos uma diferença de pronome e tempo verbal onde no CL está escrito “vocês dirão” enquanto que no 1QIs^a “você dirá” (SILVA, 2017).

Com base na relação de diferenças apresentada e os exemplos citados acima pode ser constatado que as diferenças são insignificantes e não alteram em absolutamente nada a mensagem intentada pelo autor original.

CONCLUSÃO

A Bíblia é o livro mais impresso e vendido do mundo, hoje ela está disponível para 2935 idiomas falados por 6,039 bilhões de pessoas. A Bíblia é o livro mais amado e o mais odiado de todos os tempos. Ela teve a sua destruição decretada por reis, imperadores, ditadores e papas. Pessoas deram as suas vidas para protegê-la. É o livro mais analisado e estudado em termos de crítica textual. Cientistas, arqueólogos, e estudiosos das mais diversas áreas empreenderam árduos trabalhos com o objetivo de comprovar a sua falsidade, porém não obtiveram êxito.

O achado de Qumran era a oportunidade de ouro para os céticos de provarem que a Bíblia havia sido adulterada, era a prova de fogo para as Escrituras. Estudiosos vieram de diversos lugares do mundo para analisar os manuscritos. Mas a Bíblia passou com louvor em mais esse teste. Mesmo com quase 1500 anos distantes dos originais o seu conteúdo permaneceu inalterado.

Hoje o caro leitor pode ter a certeza de que a Bíblia que ele tem em mãos é fiel e digna da sua confiança. Você pode não crer que as Escrituras Sagradas sejam de fato a Palavra de Deus, mas você terá que concordar que ela possui um enorme poder de transformar vidas, o que nenhum outro *Best-Seller* tem.

Através do estudo de historiadores antigos, dos manuscritos e das ruínas de Qumran pôde ser constatada a origem da comunidade Qumrânica, o que levou essa seita a se afastar da sociedade, os seus costumes e crenças, e como se deu o fim dessa comunidade monástica. Esse grupo peculiar de essênios se mostrou um forte produtor literário e doutrinal, contribuindo para a preservação dos textos bíblicos. Através dos seus escritos puderam ser compreendidos melhor os idiomas originais da Bíblia e o idioma falado por Jesus. Mais do que uma comunidade monástica, os

essênios foram um instrumento de Deus para transmissão e preservação da mensagem divina à humanidade.

BIBLIOGRAFIA

AHARONI, Yohanan; AVI-YONAH, Michael; RAINEY, Anson F; SAFRAI, Ze'ev. **Atlas Bíblico** . 1ª Edição/1999. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo MacArthur** . Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP. SBB, 2010.

FELCZAK, Eliton Fernando. **Qumran - Manuscritos do Mar Morto** , 2017. Disponível em : < <http://www.abiblia.org/ver.php?id=7563> > Acessado em: 10 Maio. 2017.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus** : de Abraão à queda de Jerusalém. 8ª Edição/2004. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

KENSKI, Rafael; TEIXEIRA, Duda. **A Doutrina do Deserto** , 2016. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/ciencia/a-doutrina-do-deserto/> > Acessado em: 16 de Maio. 2017.

MARTÍNEZ, Florentino G. **Textos de QUMRÁN** . 2ª Edição/1993. Madrid: trota S.A, 1993.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica** : A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PLÍNIO. **História Natural** . Massachusetts: Harvard University Press, 1961.

PRICE, Randall. **Arqueologia Bíblica** : O que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas. 5ª Edição/2006. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SILVA, Rodrigo. **Mistérios dos Manuscritos do Mar Morto**. Palestra na IASD Moema, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ycLONQ9aLs/>> Acessado em: 18 de maio. 2017.

TRIVINO, José María. **Obras completas de Filon de Alexandria** .
1º Edição/1976. Vol 5. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1976.

WILSON, Edmund. **Os manuscritos do mar Morto** . São Paulo:
Schwarcz, 2009.

[1] Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, cursando pós graduação em Aconselhamento Cristão e Capelania. Atualmente reside em Estância Velha - RS, e congrega na Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

[2] Khirbet é um nome árabe que significa ruína, portanto Khirbet Qumran significa ruínas de Qumran, cf. Figura 1.

[3] HALAKA é uma palavra de origem hebraica que significa "CAMINHO" (caminho para o Divino) (segundo os escribas, é a interpretação jurídica referente à Lei Divina). Deriva do verbo "HALAK" que quer dizer "CAMINHAR - IR".

[4] Usavam um calendário solar com 364 dias no ano (cf. Wilson, 2009, p.72), diferentemente dos seus contemporâneos que usavam um calendário lunar com 354 dias.

[5] cf. Lista de abreviaturas e siglas p. 1.

[6] Disponível em: <<http://www.soniahalliday.com/wordsearch.php/>> Acessado em: 01 de julho. 2017.

[7] Disponível em: <<http://asorblog.org/2012/09/04/qumran-and-the-dead-sea-scrolls/>> Acessado em: 01 de julho. 2017.

[8] Designação dada pelos sectários da seita de Qumran ao seu fundador (cf. MARTÍNEZ, 1993, p. 96)

[9] Leito seco de rio no qual as águas correm apenas na estação das chuvas.

[10] cf. LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS, p. 1.

[11] Todas as passagens bíblicas indicadas são citações de Bíblia de Estudo MacArthur (2010).

[12] Uma das onze cavernas de Qumran, denominada de "A biblioteca central da comunidade de Qumran", de onde foram extraídos cerca de 15 mil fragmentos de aproximadamente 550 manuscritos diferentes.

[13] Cf. Lista de abreviaturas e siglas p.1.

[14] 40 anos devido ao fato de que quando o autor escreveu era o ano de 1993.

[15] Existem divergências em relação ao número exato de manuscritos encontrados, Martínez (1993, p. 9) contabiliza 850 documentos, enquanto que Kenski e Teixeira (2016) mencionam 813.

[16] cf. LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS, p. 1.

[17] Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1679254/>> Acessado em: 01 de Julho. 2017.

[18] Crítica textual é a arte cuja finalidade é a de aproximar o texto tanto quanto possível da sua forma originária, isto é, da forma pretendida pelo autor.

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Dedicatória](#)
3. [Sumário](#)
4. [Prefácio](#)
5. [Lista de abreviaturas e siglas](#)
6. [1 Introdução](#)
7. [2 A comunidade de Qumran](#)
 1. [2.1 Identificação](#)
 2. [2.2 Origem e fim da comunidade](#)
 3. [2.3 Hábitos e costumes](#)
 4. [2.4 Crenças](#)
8. [3 Os Mamunscritos do Mar Morto](#)
 1. [3.1 O que são os Mamunscritos do Mar Morto](#)
 2. [3.2 A descoberta](#)
 3. [3.3 Autenticidade e antiguidade](#)
 4. [3.4 Os Mamunscritos do Mar Morto e a Bíblia](#)
9. [Conclusão](#)
10. [Bibliografia](#)

Diogo Alencar da Silva

**OS MANUSCRITOS
DO
MAR MORTO**
e a comunidade de Qumran

A prova de fogo da Bíblia Sagrada

